

# ARCHIVOS

DO

# MUSEU NACIONAL

Nunquam aliud natura, aliud sapientia dicit

J. 14, 321

In silvis academi quæere rerum,

Quamquam Socraticis madet sermonibus

Ladisi. Netto, ex Hor.

Vol. XXXII



RIO DE JANEIRO



1930

**A. CHILDE**

---

## Trabalhos da divisão egiptológica

- I — Cone funerario n. 573 e Estatueta n. 81.*
- II — Uma Estela da XIIIª Dinastia (Thebas) — Consulta feita ao Museu Nacional.*
- III — Nota sobre um escaravelho egipcio da coleção particular do prof. Urstein de Warshawa (Polonia).*
- IV — Tradução das inscrições do Sarcófago n. 532.*

ARCHIVOS DO MUSEU NACIONAL

VOL. XXXII

**RIO DE JANEIRO**



Nestas condições, sem outro recurso bibliográfico, é impossível determinar o nome do sacerdote ofertante, nem o da defunta «aia». O Sacerdote é um simples oficiante (*uab*) «um puro», daquêles encarregados dos ritos sagrados quotidianos, — êle é o oficiante da hora, sem duvida da 1.<sup>a</sup> hora, ao nascer do Sol (Amen-Rã), — no palacio do Rei, — o que chamamos hoje «as matinas». Tais cargos, eram as vezes desempenhados por príncipes, o que explica o detérminativo «nome» que segue seu nome mutilado... NEFER. Podia ser *uab* já aos 16 anos, e durante quatro anos; passava-se depois á «divino pai».

O nome real aqui especificado, permite fixar ao tempo do Sumo Sacerdote de Tebas, Menkheperra II, a data do cône. E' contemporaneo portanto da XXI.<sup>a</sup> dinastia, cerca de 1050 antes da nossa era.

As opiniões diferem quanto ao uso daquêles cônes. A mais razoavel é que representavam pães, para alimentar o «duplo» do defunto no tumulo do qual estavam depositados.

## Estatueta n. 81

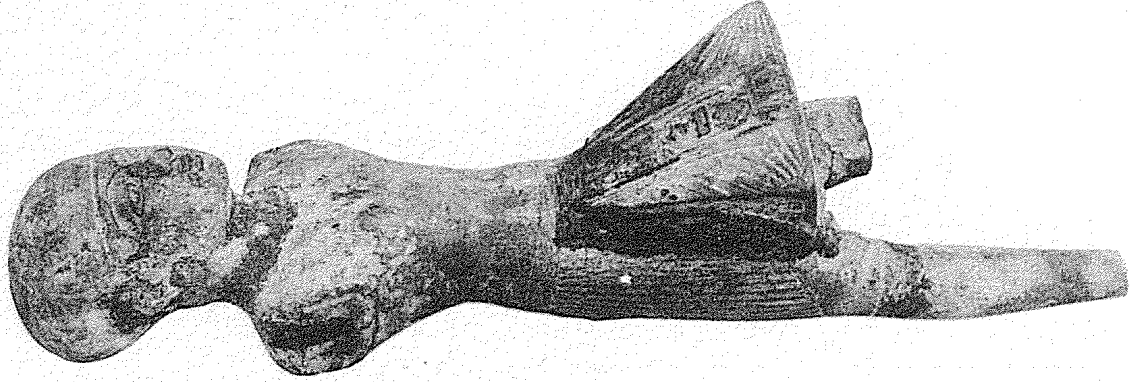
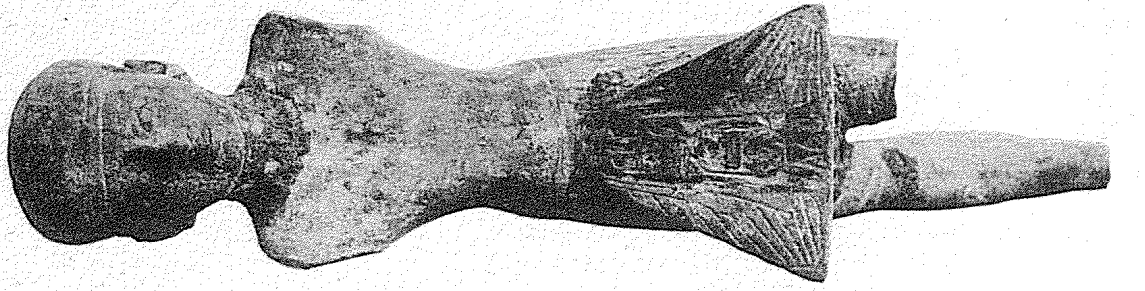
O Museu possui da mesma época uma estatueta mutilada, de bronze. Os braços que faltam estavam articulados. Sobre o avental triangular da «schenti» está gravada uma inscrição onde figura o cartucho real de MENKHEPER-RÊ, outróra encrustada de fios de ouro. Vestígios apenas ficam hoje. A inscrição diz:



O filho do 1.<sup>o</sup> Proféta de Amon, MENKHEPER-RÊ

Estimo que o nome aqui, não se refere ao filho do 1.<sup>o</sup> Proféta, mas que a estatueta representa o filho de Menkheper-Rê.

Este Sumo Sacerdote erá filho do Sumo Sacerdote de Amon, *Painetchem I.*, que reinou 40 anos em Tanis. Já, primeiro proféta de Amon, em Tebas, *Painetchem* casou-se com a filha de *Pasebkanu I.*, rei de Tanis, o que lhe deu a corôa do Baixo Egito, em 1067, á morte dêste ultimo. *Menkheperrê*, era o 3.<sup>o</sup> filho de *Painetchem*, e antes de assumir o 1.<sup>o</sup> Sacerdocio de Tebas, os seus dous irmãos mais velhos sucederam-se neste alto posto, que êle ganhou depois da morte do segundo, no 25.<sup>o</sup> ano do reinado do seu pae, em 1042. Daí segue que quando êle pôde assumir o cartucho real em redor do nome, já era um homem maduro. Ora, a estatueta n.<sup>o</sup> 81 representa um homem moço, quasi um rapaz — não pode ser o 1.<sup>o</sup> Proféta, e somente seu filho.



Cone funerario n. 573

Estatueta n. 81

*Menkheper-Rê* casou-se com *Ast-m-Khebit* e foi pai do Sumo Sacerdote e rei *Painetchem II*, de *Hent-taui*, e outros. Qual dêles representa a nossa estatuêta, é impossível dizê-lo. A base levava sem dúvida inscrições que tivessem esclarecido o problema. O trabalho de escultura e de fundição é muito delicado e já faz pressentir o que será a arte saíta.

As duas peças estudadas vieram ao Museu, com a coleção Fiengo, em 1824. Tudo faz presumir que estes objetos provenham de Gurnah, ou da Valle dos Reis, em Tebas.



A. CHILDE

II

## Uma estela da XIIIª Dinastia (Thebas)

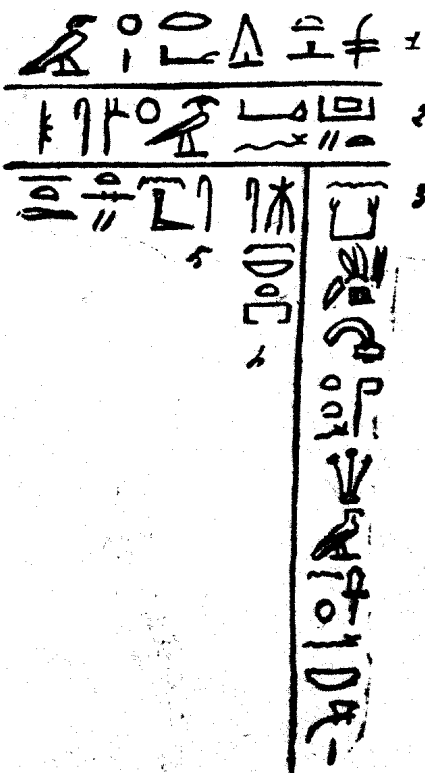
(Consulta feita ao Museu Nacional)

Ha alguns anos foi-me apresentada uma pequena estela egipcia, pelo Snr. Dr. Arsene Puttemans, do Fomento Agricola, — para traduzi-la, o que fiz, não tendo podido infelizmente, na ocasião, mandar tirar fotografia.

Encontrando hoje a cópia das inscrições, nos meus papeis, com a tradução, reparei que cometi então um erro inexplicável de atenção, á não ser pela pressa de responder na mesma ocasião. Não publiquei esta informação e resolvo faze-lo hoje, para não deixar o erro sem correção e mais ainda por ser a pedra um documento historico mais valioso do que pude julgar, num exame rapido, feito no meio de outros trabalhos.

A estela está gravada nas duas faces. Na primeira temos a Inscrição seguinte:

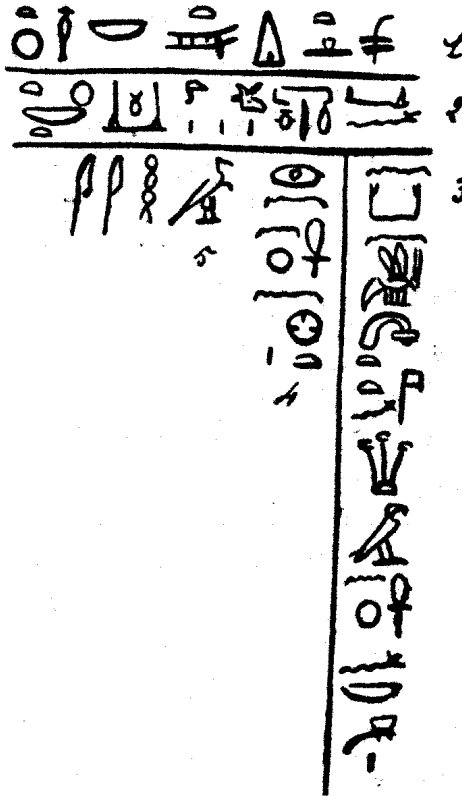
- 1) *Ojerta real a Her-*
- 2) *Aãkhtui. Dê ele a consagração completa.*
- 3) *para a alma do Chanceler real, divino padre (1), HA-ANKH-F, Senhor veneravel.*
- 4) *filho da Senhora.*
- 5) *SENEBTISI, a bemaventurada dejun- ta.*



(1) Foi este titulo *nt'rf* «divino padre» que não tinha traduzido, incluindo-o no nome proprio.

No verso a 2.<sup>a</sup> inscrição da:  
O que traduz:

- 1) *Oferta real [para] Tum, Senhor de Junu (Heliopolis).*
- 2) *Dê êle as ofertas funerarias, os bois, os gansos, os vestimentos, as cousas todas [bôas e puras].*
- 3) *para a alma do real Chanceler, divino padre, HA-ANKH-F, Senhor veneravel*
- 4) *filho do cidadão*
- 5) NEHI.



HA-ANKH-F. tem um título modesto, «divino padre», entretanto êle se casou com uma princeza de sangue real, KEMI (R. Weill. *La fin du Moyen Empire égyptien*, 1918) e deu 2 reis ao Egito, seus filhos Neferhetep I, e Sebekhetep III. A estela pertence portanto a XIII<sup>a</sup> Din.<sup>a</sup>, o periodo que precedeu imediatamente o dominio dos Hyksos (cerca de 1800 a 1700 antes da nossa era). Ha numerosos escaravêlhos e inscrições que pertencem aos reinados de Sebekhetep, nos Museus da Europa. Uma estela atribuida a Neferhetep conta que o Faraó desejava ler os livros do Deus Tum, conservados no templo de Abydos (Budge. *Hy. of Egypt*. T. III, p. 97) e que, tendo obtido licença de o fazer êle resolveu restaurar o templo ao seu primitivo esplendôr. A estela foi considerada como apócrifa, entretanto a estela atual, testemunha que o pai do mesmo rei, já era um fiel do Deus Tum. Diversas inscrições associam o pai e a mãe dos 2 Faraós as honras dos filhos reais, — entretanto não encontrei em parte alguma menção da filiação de *Ha-Ankh-f*. Vemos que esta pequena estela apresenta um grande interesse, por nos fornecer justamente os nomes dos avós dos 2 reis, — nomes que me parecem ter sido até hoje desconhecidos.




Procurando o Dr. Arsène Puttemans, para saber se podia hoje ainda encontrar o pequeno monumento no Rio — soube que era propriedade dum amigo dêle, o Engenheiro agronomo Dr. Felisberto Cardoso de Camargo, da Estação de Pomicultura de Deodoro. Este senhor muito amavelmente me forneceu as fotografias das 2 faces da pedra que acompanham a nota presente, — e referiu-me que a pedra foi achada em terrenos do Palacio do Duque de Saxe, quando se construia a Escola de Agricultura. Pertenceu ao Duque e foi provavelmente um presente que recebeu do Imperador D. Pédro II, ou uma aquisição feita durante viagem ao velho mundo.

Aproveito o ensejo para agradecer ao Snr. Dr. Puttemans e ao Snr. Dr. F. de Camargo, os atenciosos obzequios e as fotografias dêste documento precioso.





Estela da XIIIª Dynastia



A. CHILDE

---

III

## Nota sobre um escaravelho egípcio da coleção particular do Prof. Urstein de Warshawa (Polónia)

O Professor Urstein, de passagem no Rio, consultou-nos sobre a autenticidade de uma serie de peças arqueológicas, provenientes de diversos países — e que tinha compradas em São Paulo. Pudemos identificá-las, e entre elas achava-se um escaravelho egípcio de marmore preto, mosqueado de pintas brancas. De forma oval, media  $0,029 \times 0,042$ . Tiramos um molde sobre gesso da inscrição gravada sobre a base; infelizmente o pouco tempo de que dispuzemos, porque o Professor Urstein não se podia demorar, não permitiu recommençar uma segunda prova — e a primeira saiu relativamente pouco legível.

A fotografia junta dará uma idea da inscrição estudada (1).

Entretanto conseguimos restabelecer o texto que corre assim:

Tradução. Palavras do Osiris. Nesi. — O justo de voz: Diz êle: O coração [que vem] da minha mãe (2 vezes=i. e. repetir 2 vezes); Coração das minhas transformações não esteja levantado contra [mim], não [forneças] testemunhos [contra mim], estabelece firma [minha] boca...

Seguem uns signos ainda, 2 ou 3, ilegíveis.

O texto traduzido permite estabelecer que a peça é um escaravelho dito «de coração»; aqueles que se applicavam sobre o peito do defunto debaixo das ataduras — inscrito com uns trechos abreviados do Capitulo XXX, do «Livro dos mortos».

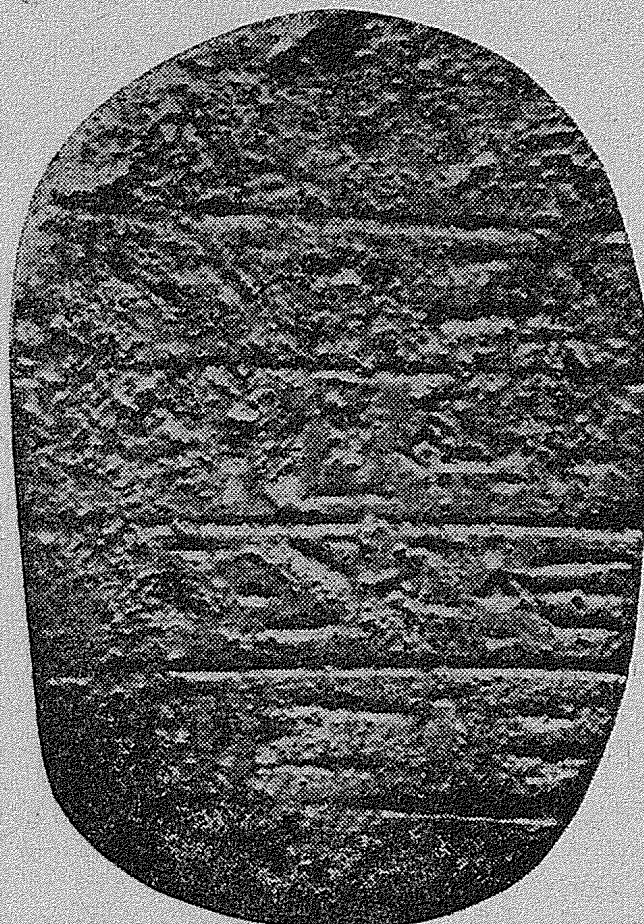
A gravura da inscrição é pouco cuidada, e torna as vezes difficil a leitura.

Este nome de Nesi, embora escrito de um modo pouco diverso se encontra no reinado de Takelot I, 900 antes de nossa era, como pertencente a um official.

Creiu que o escaravelho tambem corresponde aproximadamente a mesma epoca, ou seja um pouco anterior.

---

(1) Vide gravura á pagina seguinte.



— 𐀀𐀁  
𐀂𐀃𐀄𐀅𐀆𐀇  
𐀈𐀉𐀊𐀋𐀌𐀍  
𐀎𐀏𐀐𐀑𐀒𐀓  
𐀔𐀕𐀖𐀗𐀘𐀙  
𐀚𐀛𐀜𐀝



*Amsel, justo de voz.* Chamado também pela variante *Mesta*, é um dos 4 filhos de Horus, ao qual estava assinado o sul. E de estranhar o qualificativo «*makhroou*», justo de voz que se junta comumente aos nomes dos defuntos sómente.

Inscrição n. 2. — Publicada na descrição citada (p. 287) em 2 linhas, forma uma linha só no original. A leitura começa na 1ª linha, da direita para a esquerda.

*Vida! Oferta real a Osiris Khent Ament* (Chefe do ocidente), *Deus grande, Senhor de Abidos, para que proteja a cantora da capela de Amen* SHA AMEN SU.

A segunda linha, da esquerda á direita:

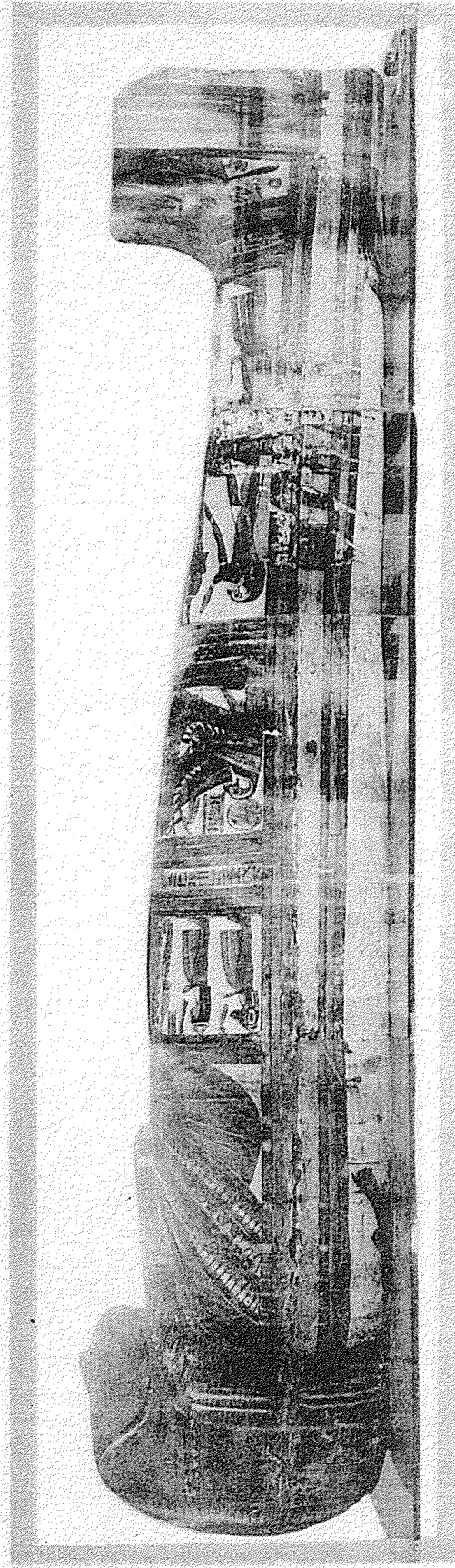
*Vida. Oferta real a Osiris, chefe do naos divino, para que proteja a cantora da capela de Amon*, SHA AMEN SU.



Inscrição n. 3. — É o complemento grafico da figura pintada, que representa Horus, o Deus de Apolinopolis Magna. Diz;

[Horus de] *Hut, Deus grande, Senhor do Ceu.*

Hut é o nome egipcio, sagrado da cidade que os Gregos chamaram de Apolinopolis Magna.



Sarcophago n. 532

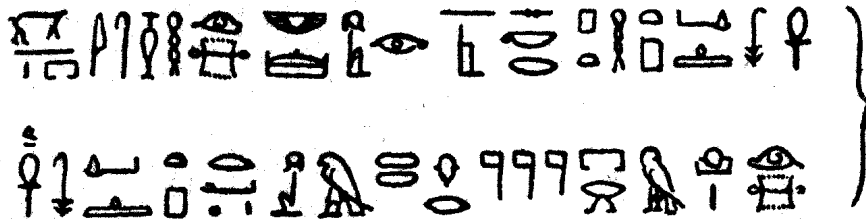
Inscrição n. 4—O Deus *Seker* (Sokaris dos Gregos) é uma outra alegoria do Sol noturno. Representado sob a figura de um gavião, com o nome ao lado: *Seker*. A faca como determinativo, é um erro do escriba, porque pertence a palavra homônima *seger*, significando «cortar, destruir».

•  
•

Inscrição n. 5—E' a repetição do n. 3.

•  
•

Inscrição n. 6.—Em 2 linhas na publicação anterior (p. 288). A 1.<sup>a</sup> linhas lê-se da direita a esquerda:



*Vida! Oferta real a Ptah (1) Seker Osiris, Senhor (2) da sepultura, para que proteja a cantora da capela...*

(1) A grafia do nome de Ptah está alterada, por engano ou distração, em *hpt*, i. e. escrito às avessas em relação ao sentido da leitura.

(2) O signo *neb* «senhor» foi substituído erradamente pelo determinativo da palavra *heti* «ser desfraldado».

A 2.<sup>a</sup> linha, da esquerda para a direita:

*Vida. Oferta real a Ra-Horkhuti, Chefe dos Deuses, sobre o horizonte (isto é o Sol nascente) para proteger...*

•  
•



Inscrição n. 7. — *Isis* com o nome.

*Palavras de Isis a grande mãe divina* (1).


(1) Está pintado *ar*, o escriba pensando provavelmente a palavra *as-ar* (Osiris), onde o mesmo *ar* assim escrito já seria anormal. E' evidentemente a palavra *ur* que devia ser traçada «grande», porque é a titulação comum com o nome de *mãe divina*. O pintor desenhou uma aguia por uma andorinha.



Inscrição n. 8.—*Nephthys* com seu nome, seguida de *Anubis*.

*Palavras de Nephthys, para aperfeiçoar* (I) (Isto é «tornar excelentes os ritos).

(I). A inscrição está errada e presta a ambiguidade. Pode ser lida:

*Amen Ra khroou* 2º. *Amen khroou*. No 1.º caso significaria «a voz de Amon Ra» o que não tem razão de ser. No 2.º caso seria «a voz secreta», muito duvidoso porque «secreta» não tem o determinativo específico, e também não tem significação na figura presente. Admito portanto um duplo erro de grafia:: o *a* de *Amen* é um *s*, o círculo é *kh* e o ideograma *khroou* está no lugar do determinativo  espécie de colher de pedreiro, com a qual rematam o revestimento de cal das paredes. Leio pois, em vez de *Amen*, a palavra *smenkh* «acabar, aperfeiçoar, conduzir á bem».

Em cima do *Anubis* que acompanha a deusa, o seu nome erradamente escrito também: *inp* por *anp*, isto é *Anpu* Anubis (Inscrição n. 9).







Inscrições nos 10 e 11.—O nome do Deus *Knum*, o oleiro, que modelou os deuses e os homens de barro, representado pelo seu hiéroglypho: um vaso



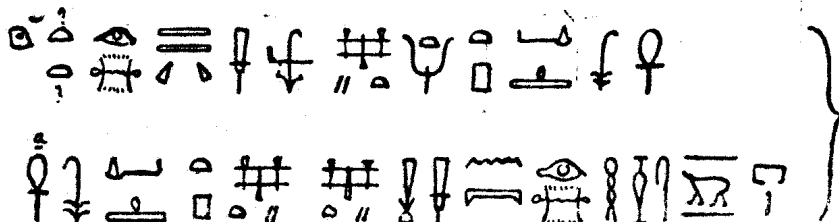
Inscrição n. 12.—E' difícil a interpretar, porque a inscrição se refere ao hipopótamo pintado no quadro. Esté animal é a Deusa *Thoueris* (Ta-ur). Ora a inscrição diz: *Nut* (que é Deusa do Céu) e o que segue pode ser traduzido *mes neteru* «creadora dos Deusés». O 1.º capítulo do «Livro dos Mortos» diz: «Sou um daquêles Deusés, nascidos de Nout...» Estas divindades são Osiris, Isis, Set, Nephthys, Anubis, Shu e Tefnut.

Si supormos que em vez de *Nut* ha de se ler *pet*, deveríamos traduzir: *O Céu sua residencia divina*, se referindo naturalmente a *Thoueris*. Sabemos que *Ta-ur*, o hipopótamo, figura nos zodiacos perto do pólo. Nesta ultima hipotese, haveria um erro do escriba que pintou


 por  Na primeira o erro é de  por  , isto é «sala» por «creadora».

...


Inscrição n. 13 em 2 linhas. A 1.ª começa da direita.



*Vida! Oferta real a Ap-Heru o guarda(1) poderoso das 2 terras (2), para que proteja. (3).*


(1). O signo aqui pintado se le *kmei* e significa cantora» E' evidente que não tem razão de ser aqui, e está em lugar de  lido *shena* e significando «defender, guardar» (Pierret p. 586).

(2). As 2 terras são os 2 mundos, o terrestre e o funerario. *Ap-Heru* foi identificado com *Anubis*, o psicopompo dos Egipcios.

(3). Os signos traçados no fim desta sentença não têm explicação. Lêm se *tt hnt* e poderiam apenas serem interpretados como «a presente»  *hnty*.

A 2.ª linha se lê da direita para a esquerda.

*Vida. Oferta real aos 2 Horus, guardas poderosos (1) do Céu para que protejam a Cantora da capela.*

(1). A presença nesta membro de sentença da palavra *sen* em paralelismo com *shena* do membro anterior, confirma a justeza da nossa substituição, no 1.º caso. *Sen* aliás, significa também «guia» (Pierret, p. 501, s. v. ).

Inscrição n. 14.—Não foi copiada completamente na publicação do texto (p. 290). Traçada em 4 colunas verticais bastante grosseiramente. Começa pela 1ª coluna a direita e segue pelas outras, que contrariamente ao costume, estão escritas as avessas, como si se devessem ler da esquerda a direita.



*Ojerta real para Osiris Khent Ament, Deus grande, Senhor de Abidos, para que dê milhares de pães e de jarrões de cêrvéja, de bois, de gansos, de perfumes frescos, perante a Cantora da capela de Amen SHA AMEN M SU.*

O nome aqui variou em vez de *Sha Amen Su*.

Inscrição n. 15. Um chacal. *Anubis*.

*Anubis, Senhor de Karirit (ou Raqririt)).*

É uma localidade do nome de Siut, provavelmente a necrópole e domínio místico de Anubis, diz Maspéro, Osiris atravessa esta região durante a 8.ª hora. (Etud. de Mythol. et Archeol. egypt. T. I, p. 64, note 2). O desenhista também aqui cometeu erros de escritura: o *t* falta e o determinativo da cidade foi trocado pelo hieroglifo do Sol (ou do dia).

Inscrição n. 16. — Um chacal. *Anubis*, sem o nome, apenas com o título *Senhor de Djeser*.

*Djeser* é o cemiterio, a necrópole. E' curioso lembrar que em arabe «*el Djezair*» significa «os ilhotes». E' a etimologia de Algé-siras. Para os Egipcios tambem, os *Campos de Aarou*, eram ilhotes e representavam o Paraíso dos Bemaventurados.

---

NOTA — A orthographia adoptada aqui, não é do autor.

